
O PORTUGUÊS NO CONTEXTO ROMÂNICO

Bruno Fregni Bassetto

USP

Como se sabe, as línguas românicas são continuações modificadas do latim vulgar, que, de fato, não desapareceu, mas apenas se transformou devido a fatores diversos. A origem comum explica as semelhanças, e os fatores especiais de substrato, superstrato e adstrato e esclarecem as diferenças. Neste trabalho, procurar-se-á caracterizar a língua portuguesa, ainda que em rápidas pinceladas, no contexto românico.

1. Do ponto de vista histórico, a constituição do Estado Português pode ser considerada uma decorrência da invasão árabe, sem a qual a história política e lingüística da Península Ibérica seria diferente. Na grande batalha da Reconquista em que se empenhou, de uma forma ou de outra, o mundo cristão, o papel da França na Península Ibérica destacou-se de modo particular. A exemplo de Carlos Magno, que conquistou Barcelona em 801 e, com isso, facilitou a consolidação do catalão, Henrique de Borgonha prestou serviços ao rei D. Afonso VI de Castela e Leão na luta da Reconquista. Como reconhecimento, D. Afonso dividiu seu reino e entregou-lhe como feudo o Condado Portucalense, que se estendia do direito do rio Mon-

dego ao Tejo; além disso, fê-lo casar-se com D^a Teresa, sua filha natural. Atualmente, há certo consenso entre os historiadores a respeito do importante papel que D^a Teresa desempenhou na implantação do Estado Português. Sentindo-se diminuída por ser apenas condessa, enquanto sua irmã Urraca era rainha, D^a Teresa tentou primeiramente convencer o marido a tentar a independência política, intervindo na guerra civil existente entre Castela, Leão e Galiza. Com a morte de D. Henrique, entre 1112 e 1114, Teresa assume o comando do Condado Portucalense, autodenominando-se *Regina Tarasia de Portugal*. Em 1126, porém, Afonso VII assume o trono de Aragão, forçando D^a Teresa a lhe prestar vassalagem. Mas D. Afonso Henriques, seu filho, rebela-se e vence a batalha de São Mamede, perto de Guimarães, em 24 de junho de 1128. Foi o primeiro passo para a independência total, conseguida depois da vitória da batalha de Ourique (1139). D. Afonso Henriques proclama-se rei de Portugal, reconhecido como tal por Afonso VII em 1143 e pelo papa Alexandre III em 1179. Continua então a luta contra os árabes: com a ajuda de cruzados alemães, franceses, ingleses e flamengos, D. Afonso Henriques conquista Lisboa em 1147, marco importante na diferenciação do português em relação ao galego. Seus sucessores prosseguem a conquista em direção ao sul, até que Afonso III (1246-1277) incorpora ao reino o extremo sul, o *Al-gharb* ("terra do ocidente"), cujos limites indefinidos da época iam além do rio Guadiana, hoje território andaluz.

2. Esse breve resumo da história de Portugal mostra por que o português é uma língua sem grandes variações dialetais. As diversas

etnias pré-romanas haviam sido absorvidas pela civilização latina a tal ponto que as sucessivas invasões dos povos germânicos (vândalos, ástingos, sílingos, suevos, alanos e visigodos) encontraram uma população profundamente romanizada, que acabou por assimilá-los, transformando-os em meros superstratos. A unidade étnica, embora não absoluta, do território português é mais sensível do que no espanhol, no francês ou no italiano, por exemplo, fato cujos reflexos são perceptíveis na maior unidade lingüística. Os chamados dialetos portugueses, como o algarvino, o alentejano, o estremenho, o beirão e mesmo o trasmontano, apresentam diversidades lingüísticas menos perceptíveis se comparados, *exempli causa*, aos *patois* franceses ou às verdadeiras línguas do território italiano, como o calabrês, o siciliano e o napolitano.

Sob esse ponto de vista, no contexto românico, Portugal é também um dos poucos países que não tem mais de um idioma em seu território. A Espanha conta com o catalão, o basco e o galego, além do castelhano; a França, além do francês, a *langue d'oïl*, tem, ao sul, o provençal, modernamente mais conhecido como *occitano*, o franco-provençal, ainda que em vias de extinção e, em sua maior parte, ocupando território suíço, e o gascão, reconhecido como língua específica desde a Idade Média e, hoje, em franco florescimento. O rético ocidental, ainda que falado por cerca de 1% apenas da população suíça e sendo a quarta língua nacional, apresenta pelo menos cinco variantes que disputam entre si o privilégio de vir a tornar-se a língua literária. A Itália sob o ponto de vista lingüís-

tico é um autêntica colcha de retalhos, com inúmeras variantes, além de incorporar o sardo e seus dialetos. O romeno, no oriente da România européia, apresenta certa unidade lingüística em seu território, em que pesem as pressões políticas para transformar o moldavo em uma língua autônoma, pretensão sem base objetiva; as variantes fora do território romeno, o megleno-romeno, o mácedo-romeno e o ístrio-romeno têm como fatores de diferenciação bases étnicas diversas.

Por sua íntima ligação com o atual galego no período inicial, quando era chamado galego-português, uma comparação, ainda que rápida, entre o português e o galego atuais ajuda a melhor situá-los no contexto românico. Expandindo-se rumo ao sul, o português diferenciou-se um tanto do galego, enquanto absorvia o moçárabe. Mesmo assim, existem entre eles mais semelhanças que diferenças. Na fonética, ambos são os únicos dentro da România que mantêm com clareza o sistema de sete fonemas vocálicos, sendo fonológica a distinção entre /e/ de timbre aberto ou fechado, acontecendo o mesmo com o /o/, como, por exemplo, em gal. *prêsa* ("presa") e *pré-sa* ("pressa), *préto* ("perto") e *prêto* ("preto") e *córvo* ("curvo") e *côrvo* ("corvo"), *pôdo* ("eu podar" [de podar]) e *pódo* ("eu posso"). A distinção fonológica entre os dois timbres do /e/ encontra-se com certa freqüência também no catalão, no provençal e, mais raramente, no francês, não se dando o mesmo com o /o/.

Em discordância com o castelhano, o basco e o gascão, o galego conserva o /f-/ inicial latino como o português: lat. *filum* > gal. *fio*, port. *fio*, mas cast. *hilo*; lat. *ferrum* > gal. *ferro*, port. *ferro*, mas cast. *hierro*; lat. *folia* > gal. *folia*, port. *folha*, mas cast. *hoja*. Ainda no campo fonético, como o português, o galego sincopa o /l/ e o /n/ intervocálicos: lat. *lana* > gal. *la*, port. *lã*, mas cast. *lana*. A tendência do galego foi eliminar os sons nasais em posição final, no que se afastou do português: lat. *cum* > gal. *co*, port. *com*, cast. *con*; lat. *bonu* > gal. *bo*, port. *bom*, cast. *bueno*. Essa tendência, porém, não é geral, havendo variações dialetais; no galego central e norte-ocidental, normalmente se suprime a consoante nasal final, sobretudo no plural, como em *cans* > *cas* ("cães"), *bens* > *bes* ("bens"), *alguns* > *algús* ("alguns"). No conjunto das línguas românicas, o galego se assemelha, nesse aspecto, mais ao catalão do que ao português, pois o catalão, apocopando com mais frequência as vogais finais, com exceção do /a/, apresentava inicialmente maior número de palavras terminadas em nasal, como lat. *amoenu* > cat. *amè*, *commissione* > *comissió*, *commune* > *comù*, *manu* > *mà*, *pane* > *pà*; o galego, ao contrário, conserva a nasal desses casos (*ameno*, *comisión*, *man* etc). Ainda como o português, o galego não apocopa o /e/ precedido da dental /d/, metaplasmo comum no castelhano: *seguridade*, *enfermidade*, *saudade*.

O galego difere do castelhano também na evolução do tratamento dado ao grupo /-ct-/, mas identifica-se com as formas correspondentes do português; por exemplo, lat. *nocte* > gal. e port.

noite, mas cast. *noche*; lat. *lacte* > gal. e port. *leite*, mas cast. *leche*. O galego e o português dão o mesmo tratamento fonético aos grupos /cl-/, /fl-/ e /pl-/, tornando-os palatais chiantes, enquanto o castelhano os torna palatais laterais: lat. *clave* > gal. e port. *chave*, cast. *llave*; lat. *flama* > gal. e port. *chama*, cast. *llama*; lat. *plenu* > gal. *cheo*, port. *cheio*, cast. *lleno*. O galego, como as línguas românicas do Ramo Ocidental, sonorizou as surdas intervocálicas; quanto ao /-t-/ das formas da segunda pessoa do plural dos verbos, o galego sonorizou-o (> -d-) e conservou a sonora, ao passo que o português a sincopou: lat. *timetis* > gal. *timedes*, port. *temeis*; lat. *fugitis*, > gal. *fluxides*, port. *fugis*.

Na morfologia, português e galego continuam muito próximos; os artigos definidos de ambos se singularizam dentro da România pela não conservação do /l/ de *illu*, *illa*: gal. *o cabalo, a auga, os galos, as raíñas*, tendo, portanto, as mesmas formas que o português. Dispondo as mesmas formas, as combinações e contrações de preposições com os artigos definidos são muito semelhantes; apenas em alguns casos, o galego é mais conservador, pois mantém formas atualmente arcaicas no português, como gal. *por + o* > *polo*. As formas dos possessivos são coincidentes (gal *meu / miña, teu / tua, seu / sua etc*). Como o português e o castelhano, o galego não tem a forma do possessivo correspondente à terceira pessoa do plural, para mais de um possuidor como as demais línguas românicas (cat. *llur*, prov. *lor*, fr. *leur*, it. *loro*, rom. *lor* < lat. *illorum*).

Na sintaxe, destacamos apenas a existência viva do infinitivo pessoal, forma de que somente o português e o galego dispõem na România, em orações correntes como: *Para arriscarmos esse diñeiro, queremos seguridades. De seguides tan tolos, acabaredes mal.*

Esses poucos aspectos comparados revelam a grande proximidade lingüística ainda existente entre o português e o galego, apesar das pressões compreensíveis que o galego sofre por fazer parte da Espanha, cuja língua oficial é o castelhano, com todas as dificuldades normais daí decorrentes, sem se levar em conta os períodos de opressão declarada, como aconteceu durante o período do Generalíssimo Franco. A origem comum, porém, faz com que as afinidades lingüísticas sejam perenes; filólogos e lingüistas desapaixonados reconhecem que o galego está originária e estruturalmente ligado ao português e que qualquer tentativa de dissociação ou assimilação implicaria seu desaparecimento.

3. Retomando nossa tentativa de caracterizar o português face às línguas românicas, cumpre destacar alguns aspectos fonéticos. Inicialmente, a substituição da quantidade vocálica latina pelo acento de intensidade ocasionou o aparecimento de três sistemas vocálicos na România. As línguas românicas da Ibéria, Gália, Récia, Dalmácia e norte da Itália dispunham inicialmente de um sistema de sete fonemas vocálicos, havendo distinção fonológica entre /e/ e /o/ de timbre aberto ou fechado. O romeno e os vestígios do latim nas línguas dos Bálcãs (albanês, neogrego, eslavo) apresentam um siste-

ma de seis fonemas vocálicos, no qual se distinguia fonologicamente o /e/ aberto ou fechado, não acontecendo o mesmo com o /o/, fonologicamente um fonema só. A Sardenha e certos falares do sul da Itália ficaram com apenas cinco fonemas vocálicos, ou seja, as vogais latinas sem a quantidade e sem qualquer distinção pelo timbre. Enquanto os sistemas do romeno e do sardo se mantiveram, muito cedo as línguas com sistema de sete fonemas vocálicos apresentaram modificações, sobretudo em relação às vogais /e/ e /o/ abertas ou fechadas, ou médias de primeiro e de segundo grau, para usarmos a nomenclatura de Joaquim Mattoso Câmara Jr. Com essas vogais, ocorreu o fenômeno da *ditongação espontânea*, do qual não se trata em estudos referentes ao português, precisamente por ser um fato que nossa língua desconhece.

4. Denomina-se ditongação espontânea a segmentação de uma vogal em duas partes dentro de uma sílaba. Interessante é observar que uma vogal aberta, proveniente em geral de uma breve latina, quando sofre esse processo, resulta sempre em um ditongo crescente, ao passo que uma vogal fechada, proveniente de uma longa latina, redundando em um ditongo decrescente. Trata-se na prática de um vestígio importante da quantidade latina. O modo de emitir as vogais breves ou longas no latim, em diferentes pontos de articulação, cuja quantidade foi substituída pelo acento de intensidade, faz com que a vogal se segmente, originando o ditongo: /é/ > /eé/ > /ié/ ou /ê/ > /êe/ > /êi/. Romanistas, como Bourciez, Llorach e P.G. Goidanich, explicam esse fenômeno pelo desejo dos falantes de não

confundir fonemas próximos, gerando "pressões" principalmente sobre as vogais médias de primeiro e de segundo grau, precisamente as que mais freqüentemente se ditongam. A esse fenômeno dá-se o nome de *diferenciação criada*, observado nas línguas românicas, com exceção apenas do português e do sardo. Não se trata, porém, de um fato, digamos, obrigatório e constante. Algumas línguas ditongam mais que outras. Alguns exemplos: lat. *melem* > rom. *miere*; it. *miele*; fr. *miel*; cast. *miel*, mas port. *mel* e log. *mele*. Lat. *caelu* > rom. *cer* (< *cier*), it. *cielo*, eng. *schiel*, fr. *ciel*, cast. *cielo*, mas port. *céu* e log. *kelu*; lat. *pedica* > rom. *piedec`*, ant. it. *pedeca*, fr. *piège* (> port. *pejo*), astur. *pielga*, mas port. *pega*. Vê-se que o castelhano, o francês, o italiano e o romeno são as línguas que mais ditongam. Em muitos casos, houve posteriormente a redução do ditongo a /e/. Entretanto, a língua românica que mais ditongou foi o dalmático, a única língua românica morta. Sobretudo no dialeto veglioto, estudado em especial por Matteo Bartoli, praticamente todas as vogais livres ou travadas ditongam-se. Vejamos alguns exemplos: lat. *capra* > vegl. *koupra*; *veterana* > *vetrouna*; *casa* > *kousa*; *barba* > *bourba*; *arbore* > *juárbul*; *albu* > *jualb*; *ferru* > *fiar*; *fiesta* > *fiasta*; *ventu* > *viant*; *cena* > *kaina*; *pira* > *paira*; *fine* > *fian*; *nidu* > *naid*; *porta* > *puarta*; *sorte* > *suart*; *colore* > *colaur*; *sapone* > *sapaun*; *cruce* > *kraut*; *gula* > *gaula*. Essa singular ditongação espontânea no dalmático apresenta ainda muitas variantes, semelhantes a do servo-croata, falado atualmente na região de Veglia, fato que levou romanistas como Walther von Wartburg e Carlo Tagliavini a suporem influências dessa língua eslava sobre o veglioto.

Com o /o/ breve em latim e aberto nas línguas românicas, a ditongação é menos freqüente; não ocorre no romeno, pois essa língua não faz distinção entre /o/ aberto e fechado. Exemplos: lat. *focus* > it. *fuoco*, prov. *fuec*, cast. *fuego*, gascão *huec*, mas port. *fogo*, log. *fogu* e rom. *foc*; lat. *rota* > it. *ruota*, friul. *aruede*, cast. *rueda*, mas port. *roda*, log. *roda*. O romeno tem *roat`* por metafo-
nia; sempre que a palavra romena terminar por /a/, /`/ ou /e/ e a tô-
nica for /e/ ou /o/, dá-se essa ditongação, como *negru* - *neagr`*, *fru-*
mos - *frumoas`* - *frumoase*. Normalmente as palavras romenas ter-
minadas em /a/ tem um timbre característico, indicado pela "caciula"
/`/, idêntica à "braquea" latina; como no romeno o artigo é pos-
posto, nas palavras femininas ocorre a crase do /a/ final com o artigo,
também /a/, resultando um /a/ sem a "caciula" e timbre comum, in-
dicando que a palavra está articulada: *neagr`*, "negra" e *neagra*, "a
negra". Esses são traços característicos do romeno.

No português e no provençal, a metafo-
nia altera apenas a vogal tônica, sem ditongá-la como no romeno; é a metafo-
nia que explica as formas port. *fiz*, prov. *fis*, do lat. *feci*, onde o /i/ longo final
assimilou a tônica; na terceira pessoa, port. *fez*, prov. *fes*, do lat. *fecit*,
o /i/ breve não causou metafo-
nia, já que o /i/ breve latino normal-
mente passa a /e/. Em outros casos, o /o/ final, pronunciado /u/ fe-
chou o timbre da tônica, como em *ovo*, *novo*, *povo*, cuja tônica de-
veria ser aberta, porque se originam de um /o/ breve latino; no plural,

a presença da sibilante neutraliza a metafonia, voltando o timbre original aberto.

5. Como consequência da ditongação das vogais médias de primeiro e de segundo grau, a maioria das línguas românicas perdeu a distinção fonológica entre o /e/ de timbre aberto ou fechado. Apenas o português e o galego conservaram com toda a clareza o sistema de sete vogais. O catalão e o provençal em grau bem menor; o francês mantém em alguns casos a distinção fonológica entre o /e/ aberto e o fechado, como acontece no futuro e no condicional (*je ferai* [ferrê] e *je ferais* [ferré]). No português, são numerosas as oposições entre pares de vocábulos que se distinguem apenas pelo timbre, como *pode* e *pôde*, *sede* e *sêde*, *sobre* e *sôbre*, *ele* e *êle*, *apoio* e *apôio* (o circunflexo indica apenas o termo de timbre fechado, menos em *pôde*, conservado explicitamente na Reforma de 1971.

Nesse contexto é que se deve situar os critérios e as normas de acentuação gráfica. Havendo tantas formas homógrafas heterofônicas, os acentos gráficos constituem uma convenção que ajuda sobremaneira a compreensão do texto em sua primeira leitura. Com seu sistema de sete fonemas vocálicos, o português necessita desses sinais gráficos mais do que qualquer outra língua românica. Uma vez que as normas de acentuação gráfica dependem das necessidades distintivas do sistema fonológico de cada língua, é óbvio que tais normas variam segundo essas mesmas necessidades, havendo lín-

guas que as dispensam completamente, como o romeno, que usa o circunflexo para grafar fonemas típicos da língua, empréstimos do eslavo, inexistentes nas outras línguas românicas, como /â/ em *România, român, românesc* ou /î/, por exemplo, em *întîi* ("primeiro"), *întîni* ("encontrar"); outras, como o italiano, têm apenas algumas indicações gerais, não obrigatórias. Portanto, a função de cada sinal não é atribuída de maneira arbitrária, mas convencional. Assim, o circunflexo indica no português timbre fechado, enquanto no francês assinala o timbre aberto, e o agudo, ao contrário, indica timbre aberto em português e fechado no francês. Nas outras línguas românicas, por ter-se perdido a distinção fonológica entre as vogais médias, não se usa o acento circunflexo, geralmente índice de timbre fechado, segundo sua origem grega, pois a língua grega só o colocava sobre vogais longas e, portanto, de timbre geralmente fechado.

Desse modo, é o sistema fonológico de cada língua românica que determina as convenções ortográficas. No português, os acentos gráficos têm dupla função: indicam a sílaba tônica, uma vez que temos palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas com valor distintivo, e o timbre da vogal, como em *pêssego* e *elétrico*. No francês, porém, por ser uma língua oxítona, não há necessidade de se indicar a sílaba tônica, que é sempre a última; os acentos gráficos têm apenas a função de indicar o timbre da vogal. Disso tudo se infere que o português não pode apresentar mais de um acento gráfico em cada palavra, enquanto o francês requer tantos acentos em cada palavra quantos forem necessários para indicar o timbre das vogais; assim,

décédé ("falecido") tem as três vogais de timbre fechado pronunciadas claramente e, por isso, devem ser acentuadas graficamente, embora a última sílaba seja a tônica. Em *général* ("geral") a tônica é a única não acentuada graficamente. Por outro lado, atribuem-se ao acento gráfico outras funções além da indicação do timbre vocálico e da sílaba tônica. Várias línguas românicas empregam os acentos como diacríticos, como, no português, em *ele tem* e *eles têm*, *ele vem* e *eles vêm* e outros, em que a presença do acento gráfico indica plural e sua ausência o singular. No francês, encontramos acentos diacríticos indicando funções diferentes: *ou* ("ou") e *où* ("onde"), *(il) a* ("(ele) tem") e *à* ("a" [prep.]), *sur* ("sobre" < lat. *super*) e *sûr* ("seguro" < lat. *securum*); em certo número de palavras francesas, o circunflexo tem a função etimológica de indicar a supressão de um /s/ do termo latino correspondente: *château* (< lat. *castellu*), *abîme* (< lat. vulg. *abismu*), *août* (lat. vulg. *agustu*), *châtier* (< lat. *castigare*), *pâtre* (< lat. *pastor*), *hôte* (< lat. *hospite*) etc

Nas outras línguas românicas, como no português, o acento gráfico deve coincidir com a sílaba tônica, e os acentos obedecem a determinações ditadas pelas tendências fonéticas próprias. O castelhano só usa o acento agudo (chamado *tilde* por alguns gramáticos) segundo "regras" bastante parecidas com as do português, mas só usa o acento agudo. O provençal usa normalmente o acento agudo e o grave, mas as orientações de uso de um ou de outro não são claras. O rético apresenta diferenças no emprego dos acentos, conforme seus dialetos; o engadino, por exemplo, raramente empre-

ga acenos gráficos, sendo mais comum o acento diferencial agudo para indicar timbre fechado e o grave para o aberto, como em *il pér* ("a pera") e *il pèr* ("o par") ou em *il spért* ("o espírito") e *spèrt* ("rápido"). Os oxítonos em -a ou em -e são acentuados com acento grave: *il otgà* ("o tolo") *il cuzè* ("pedra de amolar"). Não há, porém, diretrizes claras e definidas. Quanto ao italiano, considere-se o que diz Bruno Migliorini em *La Lingua Nazionale* (1951, p. 186): "*La forma normale dell'accento è l'accento grave (`). Ma, come abbiamo già visto, molti si servono dell'accento acuto (´) per indicare la pronunzia chiusa delle vocali e ed o. Qualcuno si serve dell'accento acuto anche quando occorre accentuare i ed u: piú, virtú. Ma non ce n'è bisogno.*" Portanto, também no italiano não há a esperada uniformidade em relação aos acentos gráficos.

No contexto românico, pois, o português apresenta um sistema de acentuação gráfica muito coerente, ao lado do francês e do castelhano. Nas outras, o acento gráfico é empregado, com mais freqüência, com a função de diferenciar homógrafos heterofônicos, precisamente o chamado *acento diferencial*, abolido, em princípio, pela nossa reforma ortográfica de 1971, sem dúvida não muito acertadamente.

6. Outro aspecto pelo qual o português se distingue entre suas irmãs românicas é o dos fonemas nasais. Nesse contexto, apenas no português e no francês fala-se de "vogais nasais". Entretanto, há nessa expressão certamente uma contradição terminológica. Se vogal é,

por definição, um som *musical*, sem os ruídos característicos das consoantes, certamente não é coerente falar em "vogal nasal", que seria um híbrido, ou seja, uma terceira classe de fonemas. De fato, a melhor solução foi dada por Joaquim Mattoso Câmara Jr, que considera as "vogais nasais" como dois fonemas: o fonema vocálico com travamento de outro fonema nasal, desdobrando-as, portanto, em dois fonemas distintos, emitidos com relativas simultaneidade. Assim, em *manha* (/m-a-nh-a/) temos quatro fonemas, enquanto em *manhã* (/m-a-nh-a-N/) temos cinco. Destarte, não é exato falar em "vogais nasais"; elimina-se a contradição terminológica, restabelecendo-se a distinção precisa entre vogais e consoantes, denominações que nos vêm dos primeiros gramáticos gregos e são bastante transparentes na relação significante-significado.

Por outro lado, o sistema fonológico português sempre revelou certa propensão para os sons nasais. Ao lado da supressão deles em determinados casos, a língua portuguesa é a única que apresenta o fenômeno da *prolação*, que consiste no travamento nasal da vogal seguinte pelos fonemas nasais imediatamente anteriores. Observa-se o fenômeno da prolação em lat. *matrem* > port. *matre* > *madre* > *made* > *mae* > *mãe*; lat. *nec* > port. *ne* > *nem*; lat. *nidu* > port. *nio* > *nio* > *ninho*. Compare-se o termo português "ninho" com os correspondentes românicos: cast. *nido*, cat. *niu*, prov. *niu*, fr. *nid*, friul. *nit*, eng. *ñieu*, log. *nidu*, it. *nido*, vegl. *naid*; lat. *mea* > port. *minha*, mas cast. *mia*, cat. *mia*, prov. *mieua*, fr. *mienne*, engad. *mia*, friul. *me*, log. *mea*, it. *mia*, vegl. *maya*, rom. *mea*. Note-se que

em nenhuma outra língua românica deu-se a nasalação da vogal /i/, nasalação essa que depois se deslocou para a sílaba seguinte, palatalizando-se. Mesmo a palatalização deu-se apenas no engadino (em *ñieu*), mas apenas no próprio fonema nasal inicial, fenômeno diferente da prolação, que afeta a vogal seguinte e não a própria consoante.

7. Costuma-se afirmar que a síncope do /-l-/ intervocálico, ocorrida por volta do séc. XII, é característica do português; de fato, verifica-se em muitos casos, como em lat. *malu* > port. *mau*; *palu* > *pau*; *filu* > *fio*; *gelare* > *gear*; *nebula* > *névoa*; *candela* > (*candea* >) *candeia*; *celu* > *céu*; *solu* > *só*; *palatiu* > *paço* > *paço* etc. O mesmo se dá nas desinências do plural dos nomes que terminam em /-l/ no singular, como em **animales* > *animaes* > *animais*; *fideles* > *fidees* > *fiéis*; *soles* > *soes* > *sóis*. Em nossas gramáticas não se leva em conta esse fato, sempre que se fala da formação do plural dos nomes. Recebemos independente e simultaneamente as formas do singular e do plural, como, por exemplo, *sol* e *sóis*: o plural não se formou pela substituição do /-l/ por /-is/; a cadeia evolutiva do plural foi *soles* > *soes* > *sois*, cuja segunda forma provém da síncope do /-l-/ , resultando *soes*; para fugir do hiato, deu-se /-e-/ > /-i-/ , resultando um ditongo por diferenciação aprofundada. Essa explicação realmente corresponde ao fato lingüístico, somente atingível por uma visão diacrônica da língua, considerada como uma herança secular. Um estudo meramente sincrônico desses fatos redundaria em explicações errôneas. Para melhor caracterizar esse aspecto particu-

lar do português, comparem-se as formas românicas de alguns exemplos: lat. *filum* > port. *filo*, cast. *hilo*, cat. *fil*, prov. *fil*, fr. *fil*, friul. *fil*, engad. *fil*, log. *filu*, it. *filo*, rom. *fir*. Observe-se que o /-l/ se mantém em todas as línguas românicas, mesmo em posição final pela apócope do /-u/, menos no português; note-se ainda o rotacismo /-l/ > /-r/ próprio do romeno. Outro exemplo: lat. *solum* > port. *só*, cast. *solo*, cat. *sol*, prov. *sol*, fr. *seul*, friul. *sol*, engad. *sul*, log. *solu*, it. *solo*, basco *soil*. A conservação do /-l/ no empréstimo do termo latino ao basco parece descartar uma possível influência do substrato ibérico na síncope desse fonema no português.

8. A síncope do /-n-/ intervocálico é uma característica que o português tem em comum com outras línguas românicas, embora por vezes haja apenas a transferência da nasalidade para a vogal anterior, como em lat. *granu* > port. *grãno* > *grão*; *veranu* > *verão*; em outros casos, o som nasal desaparece: lat. *arena* > port. *area* > *areia*; *avena* > *avea* > *aveia*; *catena* > *cadea* > *cadeia*; *moneta* > *môeda* > *moeda*.

O galego em geral suprime o som nasal final em maior grau que o português, como em lat. *manu* > gal. *mau*, port. *mão*; lat. *germanu* > gal. *irmau*, port. *irmão* (Cf. cast. *hermano*). Contudo, entre as variedades lingüísticas românicas, o gascão, língua falada na região sul-ocidental da França, limitada pelo rio Garona, sincopa o /-n-/ intervocálico com grande regularidade, como em lat. *una* > gascão *ua*; *luna* > *lua*; *farina* > *haria*; *esquina* > *esquia* ("costas");

seminare > *semiar*; *gallina* > *garia*. Com a liberdade lingüística conseguida depois da segunda guerra mundial pelas minorias étnicas, os falares do sul da França têm demonstrado grande vitalidade, com numerosas publicações, sobretudo de jovens, destacando-se o gascão e o provençal. No romeno, encontram-se algumas síncopes do /-n-/, mais ou menos circunstanciais.

9. Quanto ao léxico, o português sofreu todas as influências que as demais línguas românicas também sofreram, segundo as diferenças de substrato, superstrato e adstrato de cada região da România. Desde os povos pré-romanos, como os calaicos, ástures, lusitanos, celtas e cónios, de norte a sul, passando pela civilização romana, pela dominação germânica dos suevos e visigodos até a dominação árabe de quase oito séculos - de todos esses fatores vieram os elementos que constituem o léxico português, formado, obviamente, a partir do latim vulgar ibérico. Tais fatores, porém, contribuíram de maneira desigual na formação do léxico português. Assim, realmente pouco se sabe sobre a contribuição dos povos pré-romanos. Mesmo dos suevos, povo germânico que invadiu a Ibéria juntamente com os vândalos e formou um reino na região norte-ocidental da Península nos séc. IV e V, é difícil determinar-lhes a contribuição ao léxico por causa da semelhança lingüística entre eles e os visigodos que os massacraram na segunda metade do séc. V. Acurados estudos chegaram a fixar apenas um empréstimo suevo não duvidoso ao português: *britar* < suevo **briutan*, "quebrar",

"despedaçar", por sinal bastante produtivo (*brita, britador, britagem, britada*).

Mais conhecida é a contribuição dos visigodos. Politicamente, haviam constituído uma casta militar e outra de proprietários rurais. Quando o rei Recaredo abraçou o catolicismo, abjurando o arianismo, permitiu os casamentos com a população românica, fatos que facilitaram a infiltração de numerosos elementos léxicos godos no romance e até mesmo de alguns morfológicos, como os sufixos *-arde, -ardo* e *-engo* de *covarde, galhardo, solarengo, mulherengo* etc. Note-se que empréstimos morfológicos, tanto do substrato como do superstrato, são bastante raros. Contudo, tais contribuições do superstrato germânico são encontradas, de uma forma ou de outra, em todas as línguas românicas, em maior ou menor escala. Comparando-se com os cerca de 450 empréstimos francos ao francês, ou os 280 do lombardo ao italiano, os encontrados no português e no castelhano são menos numerosos. O contrário, porém, se verifica em relação aos empréstimos árabes ao português e ao castelhano, bem mais numerosos na Ibéria que em qualquer outra região da România. Possuidores de uma elevada cultura, haurida sobretudo no contato com as civilizações do Oriente anteriormente conquistado, os árabes transmitiram ao romance ibérico, e siciliano, em parte, a nomenclatura de produtos da terra (*acelga, algodão, arroz, azeite, limão, laranja, açúcar*), da moradia (*bairro, azulejo, almofada, jarra, taça, alvanel*), das roupas (*aljuba, jibão, alfaiate, recamar*), da administração e da guerra (*alcaide, califa, almirante, arsenal, atalaia, alfanje*,

aljava, alferes, ginete), do comércio (*aduana, armazém, arroba, quintal*). Outros empréstimos, relativos à cultura medieval nos campos da matemática, medicina, astronomia, química, filosofia e jogos, tornaram-se patrimônio cultural do Ocidente, tendo a Ibéria e a Sicília como ponto de partida; através do italiano e do francês, atingem as outras línguas românicas e mesmo germânicas e eslavas.

É notável que tantos empréstimos árabes tenham provindo de uma situação especial de *adstrato superposto*, situação em que dois povos de cultura, língua e religião diversas convivem num mesmo território, sem que haja fusão de qualquer tipo, fato ocorrido na Ibéria e na Sicília. Enquanto a língua muito diferente (o árabe pertence ao ramo camito-semita) e o fanatismo religioso mouro impediam uma aproximação maior, a elevada cultura árabe certamente deslumbrava a população românica, levando-a a assimilar a terminologia correspondente. Por outro lado, o português e as línguas da Ibéria não tiveram contato com as línguas eslavas, com o turco, o húngaro, o neogrego e o albanês, que tantas influências léxicas deixaram no romeno e, em parte, também no dalmático.

Na formação do léxico românico, com exceção do romeno, não se deve esquecer o constante *adstrato* que foi o latim eclesiástico e medieval, em que as línguas românicas iam buscar empréstimos sempre que algo novo ou diferente exigisse denominação inexistente. Assim foram sendo incorporados novos vocábulos ou novas formas eruditas ou semi-eruditas, o que continua a ser feito ainda

hoje. Apenas o romeno não se enquadra nesse contexto por ter ficado separado do conjunto das línguas românicas desde o ano de 271 d.C., quando as legiões romanas foram obrigadas a abandonar a Dácia; desde então ficou sob influência do Império Romano do Oriente, dos povos eslavos e de outras dominações não latinas, e utilizando o alfabeto cirílico, inadequado para a transcrição dos fonemas de uma língua latina. Somente depois de 1860, quando os romenos conseguiram implantar o alfabeto latino, sua língua passou por um processo de relatinização, quando também muitos termos estrangeiros, sobretudo eslavos, foram substituídos pelos correspondentes de origem latina através do francês, do italiano e do próprio latim.

Transplantado para o Brasil, o português enfrentou inicialmente a concorrência lingüística dos tupis, que ocupavam a faixa litorânea de nosso País, desde Santa Catarina até o Maranhão. Apesar de existirem aqui vários outros grupos indígenas étnica e lingüisticamente diferentes, os primeiros contatos dos europeus se deram com os tupis, já que as primeiras colônias se fixaram quase sempre no litoral. Os colonizadores eram poucos de início, proporcionalmente aos cinco milhões de indígenas que aqui viviam, segundo cálculos aproximados. Desse modo, compreende-se que a língua oficial do Brasil fosse o português, mas *a língua geral*, isto é, a língua realmente falada, até meados do séc. XVIII, fosse o tupi, numa proporção de três por um, ou seja, de cada três habitantes dois falavam o tupi e apenas um o português, embora esse *um* também falasse tupi. Tal situação

começou a mudar com o Marquês de Pombal, que expulsou daqui os jesuítas, fechando suas escolas, impôs restrições ao ensino da língua autóctone e mandou até mudar os nomes de muitas localidades de nomes indígenas, substituindo-os por outros portugueses, como Óbidos e Santarém, para citar apenas alguns.

Posteriormente, com o aumento da imigração de europeus e com o declínio do número de indígenas, por motivos vários, o português suplantou totalmente o tupi e outras línguas indígenas, que se tornaram de fato um substrato do português entre nós. Hoje existem apenas duas pequenas tribos tupis no Amazonas que falam o *nhe-engatu*, a "língua boa", já bastante desfigurado por numerosos lusismos.

A evocação desses fatos, já bastante conhecidos, é necessária para se compreender a extensão dos empréstimos indígenas, sobretudo tupis, ao português do Brasil. Embora não haja unanimidade em relação ao número desses empréstimos, não resta dúvida de que, somados os topônimos e antropônimos, designações da fauna, da flora, de objetos típicos, das crenças e do folclore, chega-se a vários milhares, o que representa um enriquecimento extraordinário de nosso léxico. Levando-se em conta nossos oito milhões e meio de quilômetros quadrados, a grande variedade de nossa fauna e flora, cujas espécies são grandemente variadas e já devidamente nomeadas pelos indígenas, como também as grandes variações da topografia, compreende-se por que a contribuição desse substrato é tão

considerável. Observe-se que muitas dessas denominações têm caráter descritivo, como por exemplo *Paranã-epiak-aba* > *Paranapia-caba*, "lugar de onde se vê o mar", *caa-tinga* > *caatinga* > *catinga*, "mato amarelo", *caa-im* > *capim*, "mato pequeno". Curiosamente, a *gia*, espécie de pequeno sapo, os indígenas a denominavam *perereca*, "a que dá pulinhos", do verbo *pererê*, "pular" (cf. *saci pererê*, *saci pulador* por ter uma perna só), como os franceses chamam o mesmo sapinho de *sauterelle*, "a que dá pulinhos", embora seja também o nome francês do *gafanhoto*.

Contribuição importante para nosso léxico foi também a dos africanos, vindos para o Brasil na condição de escravos. Trouxeram suas variedades lingüísticas e sua cultura; conviviam com os de origem européia, cujos filhos não raro eram amamentados e cuidados por mulheres de origem africana, e aos quais transmitiam termos de sua língua materna. Essa contribuição lingüística africana, bem como em geral a dos indígenas, não se estendeu ao português europeu a não ser em pequena parte.

Com todas essas contribuições, somadas a outras menos numerosas, provenientes de outros países das Américas e até do Oriente, trazidas pelos navegadores portugueses, o léxico do português do Brasil é certamente um dos mais ricos do mundo. Atesta-o o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras, editado, no Rio de Janeiro pela Bloch Editores, em 1981. Somando-se os vocábulos arrolados nas cinco colunas de cada página

e multiplicando-se essa soma pelo número de páginas, chega-se a aproximadamente 400.000 vocábulos. Cremos que nenhuma outra língua românica ou mesmo não românica tenha um tesouro léxico tão vasto. Levando-se em conta, porém, os acervos acumulados com as contribuições tão diversas, apenas apontadas neste trabalho, além de outras sequer mencionadas como os empréstimos de outras línguas românicas, entre elas o francês e o italiano por exemplo, essa riqueza léxica é perfeitamente compreensível.

Concluindo, as línguas românicas, embora tenham um *terminus a quo* comum - o latim vulgar - ostentam características próprias, provenientes de causas diversas ligadas à história externa de cada uma, aos fatores do substrato, do superstrato e do adstrato. Os pontos convergentes podem ser atribuídos a tendências internas do próprio latim vulgar. Assim, o que se fez neste trabalho, ainda que de modo resumido e incompleto, foi delinear alguns pontos que distinguem o português no contexto das línguas românicas, suas irmãs.

Referências Bibliográficas:

- ACADEMIA Brasileira de Letras. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1981.
- ALONSO, Amado. *Estudios lingüísticos. Temas españoles*. Madrid: Gredos, 1951.

-
- BATTISTI, Carlos: *Aviamento allo studio del Latino Volgare*. Bari: Leonardo da Vinci Editrice, 1949.
- CÂMARA, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: Ozon, 1970, 4ª ed.
- CÂMARA, Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977, 2ª ed.
- CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos-EDUSP, 1978.
- ELCOCK, W.D. *The Romance Languages*. London: Faber & Faber Ltd., 1960
- HERMAN, Joseph. *Le latin vulgaire*. Paris: PUF, 1970. 2e. éd.
- MAURER, Theodoro Henrique. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livr. Acadêmica, 1959.
- MAURER, Theodoro Henrique. *O Problema do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livr. Acadêmica, 1962.
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm. *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg: Carl Winter Universitätsbuchhandlung, 1972, 5e. Auflage.
- MONTEVERDI, Angelo. *Manuale di avviamento agli studi romanzi*. Milano: Casa Editrice Villardi, 1952.
- ROHLFS, Gerhard. *Romanische Philologie*. Heidelberg: Carl Winter, 1952. 2 Bände.
- SILVA NETO, Serafim. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livr. Acadêmica, 1957, 2ª ed.
- WARTBURG, Walther von. *La fragmentation linguistique de la Romania*. Paris: Libr. Klincksieck, 1967.